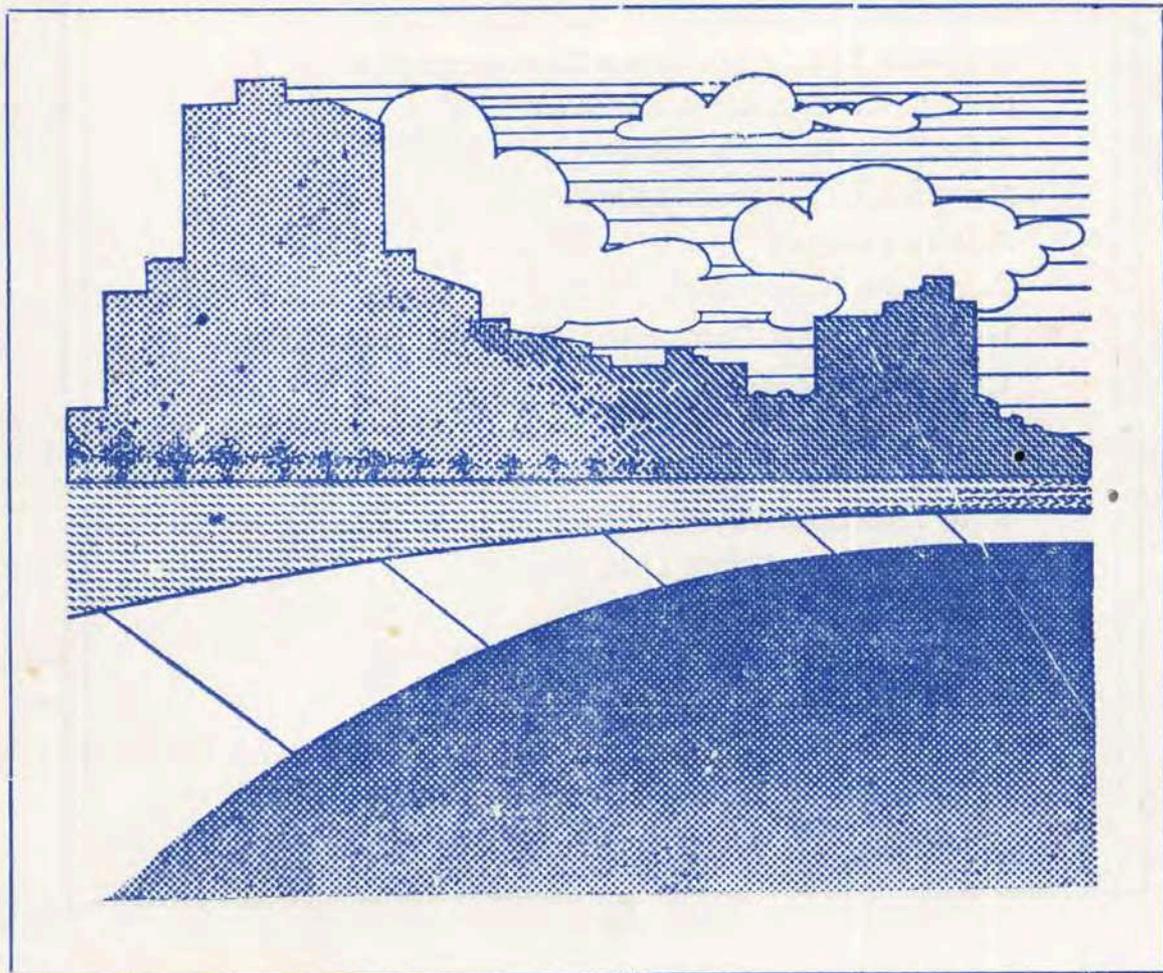


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Fevereiro de 1994

Nº. 2



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Sul Fabril S/A.
• Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXV

Fevereiro de 1992

Nº. 2

SUMÁRIO

Página

Um apelo aos nossos assinantes, colaboradores e leitores	34
O Prussiano que a mata abraçou (I) Theobaldo Costa Jamundá	35
Faleceu Elke Hering	37
O Oratório de Tijucas - Antônio Roberto Nascimento .. .	38
Subsídios Históricos - Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff	39
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio	40
Ensino Público e Particular em Blumenau - W. J. Wandall ..	42
Reminiscências de Ascurra - Atilio Zonta.....	46
Aconteceu... há 50 anos em Blumenau - José Gonçalves	47
Cartas e Publicações	49
Características do rio Itajaí e seus afluentes - C. Rivierey.....	50
Genealogia da Família Goedert - Pedro Ernesto da Silva ..	58
Registros de Tombo de Porto Belo (II) - Pe. Antonio Francisco Bohn	62
Aconteceu - Janeiro 1994	62

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) CR\$ 3.500,00

Número avulso CR\$ 420,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) CR\$ 4.800,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11
89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

Um apelo aos nossos assinantes, colaboradores e leitores

Deve se constituir em motivo de orgulho para todos nós, catarinenses, o fato de que “Blumenau em Cadernos”, segundo pesquisas, ser a única publicação de cunho histórico no Brasil que está circulando há 36 anos mensalmente, sem uma única interrupção, e sem fins lucrativos. Isto se deve à colaboração financeira que temos recebido anualmente daquelas empresas e pessoas cujos nomes acham-se impressos no verso da capa.

Mas, as dificuldades vem sendo tamarhas para manter nossa revista em circulação — dificuldades financeiras — que, hoje, resolvemos formular um apelo aos nossos assinantes, colaboradores e leitores em geral.

Precisamos do auxílio de cada um que puder nos dar uma colaboração de cerca de 100 dólares para este ano de 1994. Aqueles que puderem ajudar, que o façam, os de Blumenau telefonando para 22-1711 (falar com Marili ou Marlete) e os de outras localidades, poderão enviar o valor do auxílio pelo correio, que receberão pela volta do mesmo o competente recibo. Todos os que nos auxiliarem, além de poderem deduzir o valor nas declarações do imposto de renda, terão ainda seus nomes impressos por 12 números, no verso da revista, juntamente com os que lá já se encontram há muitos anos.

Auxiliem-nos, porque só assim será possível garantir com segurança a sobrevivência desta publicação que hoje é lida e aplaudida nos maiores centros culturais do país. Antecipadamente o nosso MUITO OBRIGADO!

José Gonçalves
Editor responsável

O PRUSSIANO QUE A MATA ABRASILEIROU (I)

(Dr. Odebrecht: integração, dedicação e 15 filhos)

Theobaldo Costa Jamundá

E para que seu idealismo de imigrante fundamentado na formação universitária de engenheiro frutificasse, deu quinze filhos portadores do nome que trouxe da Prússia.

Dir-se-ia que não sonhou apenas. — Ele escolheu o próprio roteiro de um destino que o tirou da Europa norte: chão dos ancestrais seculares.

Transmigrou-se motivado conscientemente. E é de se admitir, que se algo o influenciou, este algo, foi fertilizado na estrutura de bom caráter, no engenho de talento adequado e na força de vontade natural ao imigrante, que emigrava sabendo o que era a imigração e por que o Brasil a queria.

1. VIDA DE 77 ANOS

Formando com Hans Breithaupt a dupla de agrimensores que deu colaboração significativa ao colonizador Hermann Blumenau, o imigrante alemão Emil Odebrecht, foi quem plantou a árvore dos "ODEBRECHT" na margem direita do ribeirão Garcia.

Foi o primeiro deste nome que veio da Prússia onde nasceu a 29 de março de 1835. — Tudo que se sabe sobre ele informa que veio fazer Brasil no chão de Santa Catarina. Faleceu em Blumenau no dia 6 de janeiro de 1912.

Dos 77 anos de existência só 24 foram dados a sua terra natal. (Jobsbshagen, distrito Stetin, Pomerânia, Reino da Prússia). — Vinte quatro inteirinhos foram gastos conforme admitiu numa tenacidade fértil: ser útil como profissional de engenharia, inicialmente, na própria Colônia

de Blumenau, onde para um engenheiro não faltava serviço.

Emil foi daqueles que chegaram para ficar. — E tanta decisão teve no abraqueiramento, seja como engenheiro e como chefe de família, que bastavam as suas atividades no espaço catarinense para alcançar o merecimento registrado na História.

2. OS ODEBRECHT BRASILEIROS VÊM DE EMIL E BERTA

Emil Odebrecht (um prussiano) tinha 29 anos e Berta Bichels (uma hamburguesa) tinha 20 quando foram casados em Blumenau a 10 de fevereiro de 1864.

— O primeiro filho Edmund (Edmundo) nasceu a 15 de novembro de 1864. — Depois deste o casal teve mais catorze. (Desse Edmund saiu a brotação mais antiga para construção civil brasileira: Ponte Maurício de Nassau/Recife, PE). E estes compuzeram a primeira geração dos Odebrecht brasileiros, visto que tanto Emil como Berta foram imigrantes. — Ambos chegaram ao Brasil para a Colônia de Blumenau. A diferença entre eles é que Berta chegou com os pais. — Emil veio com um colega de profissão: Kreplin. — Berta com os pais chegaram em Blumenau em 1857. — Emil que já havia estado na Colônia em 1856 voltou para ficar em 1859. As primeiras atividades de Emil foi a locação dos lotes e a exploração das vertentes da bacia do Itajaí. — Sem dúvida as sensibilidades colonizadoras tanto do colonizador dr. Blumenau como a do imigrante engenheiro, encontraram harmonioso ponto de vista para o progresso da Colônia.

O casamento com Berta fez Emil mais forte, mais útil e mais fecundo.

Convém entender que a família organizada também no ambiente da Colônia de Blumenau, foi a base para a superação das carências. — Qualquer relance de interpretação descritiva naquela, se perceberá: a família, a igreja e o trabalho sustentando o pensamento cravado num amanhã que viria melhor.

3. VIDA SEM DOMINGOS E SEM FÉRIAS

Titulado na Universidade de Greifswald Emil assumiu a igualdade de ser um imigrante como outros, que sendo originários da Pomerânia, foram transmigrados como agricultores. — Simplesmente agricultores pomeranos.

E um detalhe importante precisa ser examinado: quando Emil chegou os negócios do dr. Blumenau estavam nas vésperas de modificações significantes: deixaram de ser negócios privados e seriam negócios nos quais o dr. Blumenau seria o diretor da Colônia e não mais o proprietário. — A administração teria a responsabilidade da fazenda imperial. (Compare-se que em 1859 dr. Odebrecht 24 anos, dr. Blumenau 40 anos e dr. Fritz Müller 27 anos).

Por deduções apropriadas se entende que Emil Odebrecht foi pres-

sionado por duas responsabilidades: uma a do imigrante e outra a do engenheiro.

— Some-se que os laços familiares e a tradição acumulada por seus ancestrais também tiveram vez na situação pessoal de Emil: ele foi onerado pela carga da herança que lhe vinha com o próprio nome. — E não se perca também que por ser prussiano a multiformidade bruta da vida na colônia não arrefeceu a sua compreensão do que era ser imigrante; como imigrante entendeu-se um povoador; e como povoador de colonização incipiente, achou a fórmula para viver na mata e com a mata na bacia de um rio sem perder o interesse de progredir: juntou a potencialidade dos sonhos com as suficiências dos créditos universitários, aceitou a experiência cabocla na validade apropriada e como gente e agente contribuiu, de modo consciente, no processo civilizatório.

E se não ficou diluído no anonimato foi porque chegou para aprender a viver fertilizando a aprendizagem. — E por aqui se avalie o custo da aprendizagem de um prussiano abastado encravado na multiplicidade da vida bruta: tudo de gigantesco e dominante, autoritária e interrogante era a Mata que os olhos viam mas o cérebro não sabia definir na grandiosidade.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXX

ÁRVORE GENEALÓGICA DE CARL WAHLE

S. C. Wahle - 1993

Carl Wahle viveu em Blumenau de 1914 a 1957, onde foi professor no Colégio Santo Antonio de 1914 até 1923, tendo se também estabelecido com uma

livraria e papelaria em 1920.

A pesquisa, para a árvore, foi conduzida pelo Dr. Egbert Fabst, um estudioso nos assuntos da família Wahle. Sua mãe

vinha a ser prima irmã de Carl Wahle. Dr. Pabst dedicava-se essencialmente à pesquisas familiares, tendo defendido três teses de doutorado, baseadas em suas pesquisas.

Resumimos a árvore em linha direta, mencionando somente o filho de cada geração, que conduz até Carl Wahle, e somente deste são mencionados os filhos, todos nascidos em Blumenau.

WAHLEN, JAKOB — *1670 (Winterberg) — +1726 (Winterberg).

WAHLE, JOHANN — * 1700 (Winterberg) — +1786 (Winterberg).

WAHLE, JOHANNES --

*1752 (Winterberg) — +1804 (Winterberg).

WAHLE, JOHANNES JODOCUS — *1779 (Winterberg) — +1818 (Winterberg).

WAHLE, JOHANN JODOCUS — *1810 (Winterberg) — +1875 (Winterberg).

WAHLE, JOHANN CARL — *1849 (Winterberg) — +1918 (Meshede).

WAHLE, FRANZ JOSEPH CARL GUSTAV — *1882 (Meshede) — +1957 (Blumenau).

Filhos de Carl Wahle, todos nascidos em Blumenau:

Waldetrudis, *1915; Siegfried Carlos, *1917; Edeltrude, *1918; Friedrich Carl, *1921 — +1923; Isolde, *1927 — +1961.

FALECIMENTO

ELKE HERING

Repercutiu dolorosamente no meio da sociedade blumenauense e, especialmente nos meios artísticos e culturais, a notícia do falecimento, ocorrido na madrugada do dia 19 do corrente, da aplaudida artista plástica Elke Hering, presidente da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

O infausto passamento de Elke, ocorrido no Hospital Santa Catarina, naquela madrugada, contrariou todas as expectativas, já que a própria Elke manteve admirável otimismo de recuperação até os últimos dias.

Elke Hering assumiu a presidência da Fundação "Casa Dr. Blumenau", quando já estava em tratamento de saúde. Mesmo com a saúde abalada, a dinâmica e inspirada artista teve uma atuação admirável à frente das atividades culturais da instituição, promovendo grandes realizações e eventos durante o ano que passou.

Seu sepultamento aconteceu na tarde de sábado, dia 19, às 16 horas, no cemitério da Comunidade Evangélica centro. Durante todo aquele dia, seu corpo foi visitado por milhares de pessoas e teve um acompanhamento digno de seu conceito e estima até à sepultura.

Elke Hering faleceu com 53 anos de idade, era filha do saudoso empresário Victor Hering e deixou três filhos, Pedro, com 23 anos; Rafaela, com 22 anos e Eduardo, com 18 anos, frutos de seu casamento com o poeta Lindolf Bell.

O Oratório de Tijucas

Antônio Roberto Nascimento

De roda de 1830, “um certo Sebastião Cozas, espanhol, construiu um oratório ao Santo de seu onomástico” (q. v. O. R. CABRAL, História de Santa Catarina, 2ª ed., s. l. e s. d., Ed. Laudes, p. 150).

Descobrimos, no primeiro livro de batismos da Capela de São Miguel da Terra Firme, aos 19.10.1803, o batismo de Luiza, dessa data, filha legítima de Sebastião Cazas (sic), “natural da Catalunha, Reino da Espanha”, e de Maria da Graça, natural de São Miguel, neta paterna de João Cazas e de Margarida de Moiva (?), também hispânicos, e materna de Pedro Dias e de Benta de Moira, sem indicação e naturalidades, presumivelmente, cá da terra de Santa Catarina.

Esse Sebastião Cazas é, por sem dúvida, o construtor do oratório da atual Cidade de Tijucas (SC), onde nasceu o historiador emérito de Blumenau, José Ferreira da Silva, fundador da heróica publicação da revista “Blumenau em Cadernos”, cuja perseverança e qualidade já é motivo de orgulho de todos os catarinenses.

Antes disso, porém, encontramos o obituário de Sebastiana, aos 29.11.1792, com dois anos de idade, filha legítima de José Gonçalves... (ilegível) e de Rosa Maria, “moradores no Rio da Tajuca” (sic), no primeiro livro da Capela de São João Batista de Itapocoróia, filial da

Matriz de N. Sra. da Graça, cujo termo de abertura, firmado pelo Vigário Agostinho José Mendes dos Reis, tem data de 20.8.1791, no Rio de São Francisco do Sul.

Encontrou-se, outrossim, o assento de óbito de Ana, inocente, filha de Tomás Dutra e de Ana Gonçalves, “moradores no Rio de Tajuca”, ou “Tajuba” (?), com idade de dois meses apenas, o que fica, pois, em dúvida.

Mais antigamente, ainda, aos 20.1.1720, vamos encontrar, no primeiro livro de casamentos da Matriz de N. Sª do Desterro da Ilha de Santa Catarina, o casamento de “Antônio da Tajuca, onde era morador”, filho de Antônio Ribeiro Camacho e de Maria dos Passos Duarte, com Paula Moreira, filha de Domingos Lopes Sertão e de Paula Moreira. Trata-se, em boa verdade, de Antônio Bicudo Camacho Jr., filho do Capitão Antônio Bicudo Camargo, tio do Pel. Matheus Leão Lahaia, que, por sua vez, era filho de Fernão de Camargo, o Tigre, mas filho natural, que veio repovoar a Ilha de Santa Catarina, após o insucesso de Dias Velho.

“No lugar Tijucas Pequenas”, mora Miguel Coelho e Joana Leonarda, naturais da freguesia do Espírito Santo da Ilha Terceira, Bispado de Angra, cujo filho Manoel foi batizado aos 14.10.1751, na Matriz de N. Sª do Desterro da Ilha de Santa Catarina.

Excertos do «Colonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), editado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 19 de novembro de 1881.

Dona Francisca — Exposição — No «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, de 25 de outubro, encontramos o seguinte artigo: «Comunicam-nos que, entre os diversos objetos enviados para a Primeira Exposição da Indústria Nacional, encontra-se uma peça toda especial, que nos prova a grande habilidade, a persistência e o bom gosto do artesão, na verdadeira acepção da palavra, é uma obra prima, composta de 5505 pecinhas de madeira, das diferentes espécies de nossa flora nacional. Este objeto foi enviado à Comissão da Exposição pela Câmara Municipal de Joinville. Além daquele objeto também foram remetidas várias amostras de café, de tapioca e de diversas qualidades de polvilho».

Por maior que seja nossa satisfação diante deste elogio, numa folha de âmbito mundial, como o «Jornal do Comércio», devemos, a bem da verdade, retificar o seguinte: A referida obra prima é um tabuleiro de xadrez, feito por um marceneiro joinvilense, e realmente composto de 5.505 pecinhas de madeira, mas não das diferentes espécies de madeira existentes no País. Apesar da riqueza da vegetação brasileira, seria bastante difícil encontrar um número tão elevado de qualidades diferentes, para o trabalho. Esta realidade, o autor do referido artigo deveria ter compreendido.

Conforme nos comunicam, a abertura da Exposição foi transferida para o dia 2 de dezembro. Portanto, ainda há tempo para o envio de outros objetos para a Exposição.

Anúncio no mesmo número do jornal «Kolonie-Zeitung»:

Atenção!

O abaixo assinado acaba de receber pelo último vapor, novos instrumentos para odontologia e grande quantidade de material de ótima qualidade, que possibilitam a execução de todos os trabalhos da arte odontológica, rapidamente e por bom preço.

A Obturação das cáries dos dentes pode ser executada ou com massa artificial ou com estanho ou cobre, cádmio, prata, platina, platina dourada ou ouro, segundo o desejo do paciente.

As **chapas** das dentaduras são trabalhadas com dupla ou tripla câmara de ar e adaptam-se bem, seguram perfeitamente e são extremamente duráveis.

Igualmente **Pivôs avulsos**, recomendáveis quando ainda existem raízes sadias dos dentes incisivos são implantados a pedido do paciente.

Gotas analgésicas excelente pó para a limpeza dos dentes e loção para a higiene da boca, encontram-se em estoque.

Como o abaixo assinado pretende demorar somente **por pouco tempo** nesta cidade, convida a todos que necessitam de sua arte, de marcarem com brevidade as devidas encomendas.

VULTOS E FATOS

Paschoal Apóstolo Pítsica, presidente da Academia Catarinense e que se projeta como o possível Austregésilo local, acaba de reunir em alentado volume alguns de seus trabalhos, reveladores do incansável batalhador de letras que ele é. «Palavras e Registros» (Coleção A. C. L. — Florianópolis — 1993) contém conferências e palestras proferidas pelo autor, em ocasiões e locais diferentes, registros, ensaios sobre vultos e fatos de nosso Estado, discursos, orações e outros textos abordando temas literários e históricos, na maioria, eis que é também ligado ao Instituto Histórico, do qual é orador. Muitos desses textos foram produzidos no calor dos fatos, no momento mesmo dos eventos, e estão impregnados de emoção.

Eles mostram também o gosto que tem o autor pela pesquisa, a paciência de rebuscar em fontes antigas — documentos, livros e papelada velha. A preocupação em bem documentar, exibindo as bases onde finca seus argumentos é uma constante nos seus textos. E a capacidade de captar aspectos curiosos de personalidades ou eventos focalizados resulta nos melhores e mais interessantes momentos do livro. O que escreveu sobre a beata Joana de Gusmão, os incorrigíveis irmãos Souza França, o irascível Correia Pinto, o Índio Condá, Adeodato e João Grande, entre outros, são bons exemplos do que acabo de afirmar. As páginas rememorativas sobre Manuel Bandeira, um de seus monstros sagrados, são ricas de sentimento e expressam com fidelidade a admiração do jovem pelo poeta já idoso, relatando as visitas que lhe fez, as conversas que tiveram, a tolerância e a bondade de Bandeira nesse convívio algo intempestivo. Bom capítulo para um livro de memórias. Os textos sobre Nereu Corrêa e Victor Meirelles também se destacam. Duas figuras merecedoras.

Nesses escritos o autor não se posiciona como crítico, não assume a postura do julgador, aquela «posição da aranha» de que fala Wilson Martins. Seu empenho é sempre o de incentivar e divulgar. Generoso nas apreciações, acredito que parte do entendimento de que sua abordagem já implica aprovação, apesar dos eventuais defeitos que a obra possa ter. E com isso acaba escrevendo sobre autores e acontecimentos menores, que a rigor não justificariam o esforço e o tempo gastos, e que acabam se beneficiando das companhias em que são colocados.

Concluindo, diria que o livro, no conjunto, é didático e será útil daqui em diante para os interessados nas coisas da cultura catarinense.

OUTRAS NOTAS

Acaba de ser lançado o livro «Sob a pele do sono», de Iaponan Soares (Letras Contemporâneas — Florianópolis — 1994), reunindo quatro conjuntos de pequenos contos da mais recente produção do autor.

Esta é sua quarta incursão no gênero da história curta, revelando sua constante inquietação e o esforço para dizer o máximo no menor número de palavras, vencendo ao mesmo tempo o hermetismo. O conjunto de contos denominado «Com o povo santo», ambientado no Planalto e envolvendo episódios e figuras do Contestado me fala muito de perto e sua leitura me provocou a emoção da própria terra. *** Está circulando o número 5 da revista «Literatura», editada pela Códice, de Brasília, correspondente ao segundo semestre de 1993. Ela tem como um dos editores o catarinense Emanuel Medeiros Vieira e eu próprio participo do conselho editorial. A revista tem sido bem recebida e divulgada em todo o país, sendo inclusive apontada como a melhor publicação do gênero. Contém trabalhos em prosa e verso de autores de todas as regiões brasileiras. *** Circula também mais um número de «Ô Catarina!», suplemento cultural da FCC, com trabalhos de Sílvio Coelho dos Santos, Salim Miguel, Joca Wolff, Ilmar Carvalho e outros, poemas, entrevistas e notas informativas. *** Teresinka Pereira, lá de Ohio, escreve dizendo que não esquece a acolhida que teve em nosso Estado, em especial em Blumenau e Balneário Camboriú. *** «Para quebrar o isolamento do escritor da província é necessária a assistência generosa e a divulgação de uns pelos outros». — Augusto Meira, poeta.

A HOMENAGEM DO POETA

Transcrevo a seguir o soneto que me foi enviado pelo poeta carioca Moysés Augusto Torres, como forma de melhor agradecer-lhe pelo bondoso gesto.

ENÉAS ATHANÁZIO

Após ler a Literatura de Cordel nº. 1.707
de Rodolfo Coelho Cavalcante

ENÉAS ATHANÁZIO esta alma pura,
No seu cantar a Paz é mensageira...
E a desenvolve em tal envergadura,
Anunciando essência alviçareira...

Senhor de uma jurídica cultura,
A qual do Bem se torna pioneira,
Tentando se manter nessa estrutura,
Harmonizando tudo a essa maneira...

Assim, um cordelista da Bahia,
Num ABC seu nome exaltaria,
Altissonante e harmonioso verso!

Zéfiro que inspirando vai-lhe a mente!
Inteligência altiva, mui brilhante,
Onisciente às Regras do Universo!

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

12. "Società Dante Alighieri"

Apesar das ásperas palavras usadas pelo pároco de Rodeio nenhuma manifestação ocorreu por parte do Cônsul Gherardo dei Principi Pio di Savoia, quanto aos protestos do Padre Lucínio Korte. No ano de 1905, aquele padre foi designado para a função de Superior Provincial dos Franciscanos, cuja sede se localizava em Petrópolis, no Rio de Janeiro. A fim de cumprir sua nova missão o padre contestador deixou o Vale do Itajaí e passou a residir naquela cidade fluminense.

Os italianos das margens do Itajaí-açu ficaram sem o Inspetor de suas escolas. Por tal motivo, influentes nomes da localidade recorreram ao Cônsul Italiano, a fim de que este solucionasse o problema. Assim, foi designado em 4 de junho de 1906 uma nova comissão para cuidar da atividade educacional junto aos italianos. José Escalabrino Finardi, apresenta-nos mais estas informações a respeito do assunto: •

“Simultaneamente, diversos elementos, os mais letrados das citadas colônias, todos imbuídos de ideais liberais e de elevado espírito de italianidade, orientados pelo famoso sociólogo Dr. Giovanni Rossi, Diretor da Escola Agrônômica de Rio dos Cedros, preocupados não só com a instrução em geral, como também com a língua e tradições italianas entre seus compatriotas,

trataram também de organizar uma Sociedade Escolar — a “Società Dante Alighieri”.

Para presidi-la foi eleito Ermembergo Pellizzetti, grande amigo do Cônsul Gherardo dei Principi Pio di Savoia, conseguindo deste, como representante do Governo Italiano, não só a construção de novas escolas como também subsídios para as existentes que então foram reabertas. Nomeado Inspetor dessas escolas, cabia a Ermembergo Pellizzetti a destinação dos subsídios e do material escolar, a indicação dos professores e a ordenação do ensino, dentro das normas fixadas pelo Consulado Italiano, em Florianópolis’.

Quase ao final do primeiro mandato do Superintendente de Blumenau, Alwin Franz Schrader, foi realizado um levantamento de quantas escolas existiam no Município, com vistas a serem custeadas pelo governo municipal. As informações colhidas apresentaram a existência de 112 escolas. Ainda foi possível saber-se que em 81 delas era ensinado somente a língua alemã, em 4 o vernáculo, em 5 o vernáculo e alemão, em 4 o polonês e alemão, em 1 o italiano e alemão e em 17 somente o italiano.

Do mesmo relatório enviado à Câmara para estudos e deliberações, constava que “para o ensino da língua pátria em todas as escolas, o número de professores é deficiente, inclusive o

material escolar adequado. Baseado na tabela estatística, na colônia são arrecadados para a escolaridade 52 contos de réis. Se a administração das escolas passasse para a Câmara, seria necessário, para este fim, anualmente, 80 contos, uma soma que pesaria na balança dos impostos. Dificuldades escolares e técnicas se aglomerariam e deixariam a concretização desta idéia visível para um futuro distante”.

Outras particularidades: — “nas 112 escolas encontram-se inscritos 2.158 rapazes e 1.814 meninas, formando um total de 3.972 crianças matriculadas. Os associados das comunidades somam 1.062; o pagamento dos professores é efetuado de acordo com o número de escolas da comunidade e vizinhança e é em média de 30 a 210 mil réis; como mensalidade, o aluno paga de acordo com a localização e o tamanho da escola e varia entre 100 réis e 2 mil réis; os associados contribuem também com uma anuidade, conforme as posses e que é de 200 a 500 réis”.

Terminada a missão do Padre Lucínio Korte, como Superior Provincial dos Franciscanos, que o tinha obrigado a residir em Petrópolis, no Rio de Janeiro, até meados do ano de 1907, volta, em seguida, para o Vale do Itajaí para ocupar suas funções de Vigário de Rodeio. Como a situação educacional agora era gerida pelo grupo de Ermemberggo Pellizzetti, tido como elemento não chegado aos agrados de Frei Lucínio, comenta José Escalabrino Finardi a reação do Vigário de Rodeio da seguinte forma: — “Perdendo o controle das esco-

las, Frei Lucínio, inconformado, reagiu, dirigindo-se ao Ministério da Educação italiano, em ofício datado de 5 de dezembro de 1907”.

Ainda recorrendo aos arquivos de Finardi, transcrevemos a seguir a longa carta escrita pelo Padre Lucínio Korte, na qual, é feito um relato completo da atividade educacional realizada na área de colonização italiana, bem como, algumas críticas sobre influente pessoa habitando aquelas plagas, ao tempo quando ocorriam as discórdias. Mas, vamos à carta.

“Rodeio, 5 de dezembro de 1907.

Ilmo. e Exmo. Sr. Ministro:

O signatário, pároco de Rodeio, constrangido pelas circunstâncias, se dirige a V. Excia. solicitando-lhe seu auxílio a respeito de um assunto deveras importante para as Colônias Italianas desta paróquia. Para melhor esclarecimento, seja-lhe permitido conseguir o que segue: as Colônias Italianas destas regiões foram fundadas nos anos de 1876-1885; desde o ano de 1892 os colonos permaneceram quase que abandonados, sem escolas, exceptuadas talvez duas ou três, sem igrejas decentes, sem sacerdotes. Somente por 3-5 vezes durante o ano, vinha o pároco de Blumenau (distante 50 Kms.), para visitá-los por 2 ou 3 dias.

Chegando nesse ano em Blumenau, os Franciscanos, o signatário decidiu fixar-se permanentemente aqui em Rodeio — centro das colônias. Tendo passado algum tempo na Itália podia ele satisfazer suficientemente aos colonos quanto à língua

pátria. Com amor e fervor ele dedicou as suas forças ao bem dessas Colônias por cerca de 13 anos, procurando sobretudo a construção de escolas nas diversas valadas e a instrução da juventude. Com muitos sacrifícios e com esforços extraordinários chegou a ver, finalmente, funcionando mais ou menos regularmente cerca de 20 escolas paroquiais.

Tendo em vista a pobreza da população, a falta de bons professores e mais ainda a indiferença de muitos colonos, era necessário um continuo predicar, admoestar e visitar. Teve, porém a consolação de ver diminuir sempre mais o número de analfabetos de maneira que existem menos nesta paróquia do que na cidade. Naturalmente não se podia esperar em tudo resultados como nas escolas da Europa: os professores eram pessoas sem instrução de colégio; o pagamento era por demais mísero — uns 10 a 20\$000 ao mês. Hoje as condições são melhores: aqui na Sede da paróquia temos uma escola com 134 alunos, educados por duas Irmãs italianas; nos outros lugares as escolas têm 100, 70 e ao menos 30 alunos.

Atendidas as condições pouco favoráveis se pode dizer que a instrução e a educação de nossa juventude é melhor do que em tantas outras cidades do Brasil. As escolas foram visitadas, no transcorrer dos anos, diversas vezes pelos Srs. Cônsules, como pelo Ilmo. Sr. Conte Rotti, Sr. Principe Pio di Savoia, Sr. Caruso Macdonald e por outras pessoas competentes e todos ficaram satisfeitos e tiveram pala-

vas de louvor pelos esforços feitos em prol da instrução escolar. O signatário não deixou de pedir, em tais ocasiões, e com outras súplicas, algum subsídio para as escolas por parte do Governo, seja da Itália, seja da Áustria (a maior parte dos colonos veio do Trentino). De fato, nos últimos anos, obteve algum subsídio em livros e material escolar.

Assim chegou o ano de 1905, no qual o signatário, tendo sido eleito Superior Provincial, teve que partir daqui e estabelecer residência em Petrópolis. Terminado o tempo de seu officio, de novo foi eleito Guardião e Pároco de Rodeio e assim desde há pouco tempo se encontra no antigo encargo. Mas, nesse interregno, nasceram aqui dificuldades que agora ameaçam produzir grave confusão e discórdia. O Sr. Cônsul em Florianópolis, Caruso Macdonald, nomeou, faz pouco tempo, uma comissão para dirigir e inspecionar as escolas. Esta Comissão declara que para receber no futuro, o subsídio em dinheiro e livros, os colonos devem reconhecer dita Comissão como direttriz.

Ora, o signatário reconhece de bom grado o direito do Governo competente de supervisionar a aplicação do subsídio que dá, bem como de inspecionar o progresso das escolas subsidiadas. Mas sendo estas mesmas escolas fundadas e até agora visitadas regularmente e dirigidas pelo pároco, não é justo e nem conveniente retirar dele a direção sem algum motivo razoável; pois que o que o Governo pode desejar e exigir: a conservação da língua e os costumes da pátria,

justamente dele foi sempre exigido, não obstante os esforços de tantos colonos mesmo para ter escolas brasileiras. Ademais, os mesmos colonos não desejam outra direção e a maior parte deles renunciaria antes o subsídio. Mas o que mais que tudo causa confusão é que:

1º — Na Comissão citada não se encontra pessoa alguma capaz de dirigir escolas e examinar e instruir os professores porque não sabem, exceptuando talvez um, nem mesmo escrever uma carta corretamente e sem erros gramaticais graves, como provam cartas por eles escritas;

2º — Todos os membros da Comissão com palavras e atos declaram-se "Socialistas" e como tais, através de jornais subversivos, por exemplo "L'Asino", "L'Avanti", etc.. O chefe da Comissão, certo Pellizzetti, talvez o mais instruído deles, é um socialista declarado, o qual já arruinou, com suas doutrinas perversas, uma boa parte da juventude.

O signatário supõe que o Sr. Cônsul não tenha conhecido bem estas pessoas, pois não teria feito tal escolha fatal. O povo aqui é bom, dócil, de bons costumes e verdadeiramente religioso; conquanto que não rico, vive todavia contente e para outras nações serve como exemplo de opor-tunidade e moralidade. Quanto a esta última, basta lembrar que até agora a paróquia não teve mais que 1-2% de filhos ilegítimos.

V. Excia. saberá talvez melhor do que todos, quanto vale a religião para um povo, em particular para os pobres; é para eles o único conforto, a única consolação nas suas misérias.

Seria, portanto, a ruína moral e social para estas valadas, se a tais pessoas fosse confiada a direção das escolas e quem deseja o bem do povo deve opor-se a tal tentativa. Por esta razão, o signatário vem pedir a V. Excia. que, com Sua autoridade, queira remediar o mal antes que se torne irremediável.

O Governo da Áustria, até agora, sempre expediu o subsídio ao pároco e este reenviou ao Sr. Cônsul os recebimentos aos diversos professores através dos inspetores escolares. Mas aceitar-se voluntariamente uma vigilância mais exata sobre a aplicação do subsídio e sobre o progresso dos alunos, requer-se que sejam nomeadas pessoas que gozem de estima do povo quanto ao saber e em particular quanto à vida moral. Não pode ser senão ao bem das escolas, se uma tal Comissão agisse em boa harmonia com o pároco, o qual como diretor das escolas é responsável ainda perante seu Bispo, ao menos no que respeita à instrução religiosa.

O signatário não almeja outra coisa que tornar os seus paroquianos, homens bem instruídos e educados como cidadãos e como cristãos, considerando-se que um homem ignorante não será jamais um bom cristão, como também que um homem sem religião não será jamais um bom cidadão, que cumpra os seus deveres frente à autoridade e ao seu próximo, não por medo de pena mas por delicadeza de consciência.

Com estima subscrevo-me seu servo admirador e grato. — (ass.) Frei Lucínio Korte, Pároco de Rodeio". ,

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta.

- O Bairro de Ribeirão Guaricanas e Festa de São José.
- Dia 26 de maio de 1946, Dia das Vocações e concentração de 600 crianças.

A localidade de Ribeirão Guaricanas, o aprazível bairro de Ascurra atualmente, colméia de trabalho e de produção, fora colonizada na época quando da primeira imigração de italianos, todos de raízes rurais, se estabeleceram na povoação de Ascurra. Saber algo do princípio da colonização de Guaricanas, são fatores que impulsionam a curiosidade dos descendentes dos pioneiros, que nesse lugar se implantaram. A caminho desse bairro, ao descer a serrinha do Saltinho, um panorama fascinante se avista: matas, pastos, plantações, moradias, arrozeiras bem cuidadas e tudo em pleno desenvolvimento. Em torno de setenta glebas rurais, cultiváveis em sua maioria, medindo aproximadamente vinte hectares cada uma, foram adquiridas pelos primeiros moradores junto à Administração da Colônia de Blumenau, todas já demarcadas por agrimensores experientes. As trilhas para alcançá-las também começaram a ser abertas à medida que os pioneiros tomavam posse. Clareiras feitas à foice e machado surgiram e em seguida foram plantadas as sementes. Inicialmente, sem dúvida, segundo informações de seus herdeiros, houve miséria, desgosto, desânimo e uma vida sem alegria e distantes de esperar por colheitas e rendimentos a curto prazo, senão, o de colherem nessas primeiras roças, nem sempre o suficiente para alimentar a família e suprirem sua

pobre cozinha. Tiveram um modo de viver inseguro, miserável, passando anos ou dezenas de anos sem divertimentos, trazendo sempre estampado no rosto a marca do cansaço, das fadigas cotidianas e das saudades. Durante todo o decorrer de suas vidas, porém, a ousadia e a persistência foram vencedoras e a grandiosa perspectiva de futuro, estava sempre presente em seu pensamento. Para aliviar esses sofrimentos, nos finais de semana, reuniam-se em pobre choupana do vizinho mais próximo, para conversar e rezar. Concentrados em seus próprios pensamentos e em orações, esqueciam-se das dificuldades e dos trabalhos fatigantes e, principalmente, dos parentes que deixaram no além mar. Por longo período, também, ficaram temendo as ameaças repentinas dos índios, mas aos poucos, conseguiram distanciá-los dos seus ranchos. Em acanhado andamento devido aos minguados recursos financeiros, foram erguendo um rancho, onde nos finais de semana, se reuniam para conversar e elevar suas preces a Deus e ao Santo Padroeiro São José, imagem essa trazida da Itália e entronizada por todos os moradores, na precária capelinha coberta com folhas de palmeiras. Ainda hoje, São José, é venerado por todos os descendentes dos pioneiros. No decurso dos anos, ampliaram suas roças, ansiando por dias melhores e melhores safras. Engenho de

serrar toras e atafona, movidos a roda d'água, constituíam para eles, indústrias produtivas de relevância, porque atendiam satisfatoriamente às necessidades básicas das famílias. E os anos foram se sucedendo e todos sempre empenhados no trabalho de conseguir uma vida melhor, para também, à prole a cada ano mais numerosa. E todos os anos, no mês de março, seu padroeiro São José era reverenciado com tríduo e missa solene e faziam-se presentes parentes e amigos de outras localidades. Registramos nessas páginas uma das festas que o Vigário da Paróquia de Ascurra, Padre Sílvio Satler, programou para o dia 20 de março de 1955. Nos dias 16, 17 e 18, com cantos e rezas que se continuaram durante os três dias consecutivos. A missa solene, foi cantada a duas vozes pelos aspirantes do Colégio «São Paulo». Embora o tempo ameaçasse chuva o dia inteiro, todavia, foram realizadas as funções

litúrgicas regularmente, cuja procissão fôra bastante concorrida. Abrilhou a festa um bom conjunto musical. Seis festeiros contribuíram para o pleno êxito dessa festa: Willy Schulz e José Fistarol de Apiúna; Hermínio Moser e Pedro Tontini, de Guaricanas, José Buzzi e Atilio Zonta, da Vila de Ascurra.

No dia 26 de maio de 1946, Dia das Vocações, houve na Paróquia de Ascurra, concentração de seiscentas crianças. Na parte da manhã, celebração da missa paroquial com a presença das Associações religiosas; em seguida missa festiva das crianças com sermão de ocasião e ao meio dia, almoço. Às 16:00 h procissão só de crianças que percorreram a principal rua da Vila em carretas, conduzindo em triunfo a imagem da Rainha das Vocações. Fôra a primeira festa desse gênero realizada na Igreja Paroquial, com a participação de crianças oriundas de todas as Capelas vinculadas à Matriz.

Na próxima edição desta Revista:

- Visita do Superior-Mór dos Salesianos em Ascurra;
- Instalam-se em Ribeirão São Paulo as Irmãs Catequistas, e
- Bairro do Ribeirão São Paulo.

Aconteceu..... há 50 anos em Blumenau

José Gonçalves

(o que o jornal «A Nação» publicou)

— DIA 21/07/1943 — Bidú Saião, a famosa soprano brasileira, cantou em Nova York para 12.000 (doze mil) pessoas, com grande sucesso, alcançando expressivo destaque pela imprensa.

— DIA 25/07/1943 — Faleceu o sr. Frederico Busch Sênior, o introdutor do primeiro automóvel a circular em Blumenau e do fornecimento da luz elétrica. Era proprietário do Cine Busch e gerente do Banco Sul do Brasil em Blumenau. Com o carro, circulou pelas ruas

de Blumenau em 1903. Foi também proprietário da primeira e única fábrica de fósforos em Blumenau.

— DIA 27/7/1943 — O mesmo jornal «A Nação» informa sobre a fundação, em Indaial, do Clube de Hipismo naquela data.

— DIA 14/08/1943 — Realizou-se grande baile de aniversário da Sociedade Desportiva Blumenauense (atual Olímpico), no Teatro Carlos Gomes, festejando os 24 anos de fundação daquela sociedade.

— DIA 17/08/1943 — Foi publicado o balancete financeiro do Banco Popular e Agrícola do Vale do Itajaí, fundado em Blumenau, sendo seu Diretor-Presidente, Oswaldo Moellmann; Diretor-Gerente, Américo Stamm e Contador, Hélio Duarte Pereira.

— DIA 19/08/1943 — Honorato Tomelin, fundador e diretor proprietário do jornal «A Nação», adquiriu no Rio de Janeiro, máquina Linotype para transformar «A Nação» em diário. Foi a primeira máquina de compor, no gênero, moderna, a ser instalada em Blumenau. *** Aconteceu o consórcio matrimonial entre o jovem médico Dr. Afonso Balsini, chefe do Serviço de Malária em Blumenau e a jovem Laura Maluche, da sociedade de Brusque. Ele também era proprietário do jornal «A Cidade de Blumenau». *** «A Nação» contratou o Tte. Osvaldo Fortunato De Bem para cronista esportivo.

— DIA 28/08/1943 — A então Fábrica de Gaze Medicinal Cremer S/A., instituiu Seguro Coletivo para seus funcionários.

— DIA 08/09/1943 — Foi noticiado com destaque a festa de Bodas de Prata do casal Dr. Humberto Pederneiras — Dona Sarita. Ele, diretor da EFSC.

— DIA 11/09/1943 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se em vitorioso e aplaudido recital a pianista Déa Orcioli.

— DIA 18/09/1943 — O jornal «A Nação» prestou homenagem ao cantor Manoel Silva, da PRC-4 Rádio Clube de Blumenau, estampando, inclusive, sua fotografia.

— DIA 05/10/1943 — O jornal informa sobre o grande incêndio que destruiu dia 02/10/1943, a Fábrica de Papel Itajaí, com prejuízo total.

— DIA 14/10/1943 — O jornal circulou com nova roupagem, isto é, os caracteres são provenientes da composição da máquina Linotype, adquirida pelo seu diretor proprietário Honorato Tomelin.

— DIA 19/10/1943 — O Banco Popular e Agrícola inaugurou sua filial em Rodeio.

— DIA 21/10/1943 — O jornal noticia o falecimento, ocorrido no começo do mês, do Eng^o. Arquiteto blumenauense Emílio Baumgart, conhecido como o «rei do cimento armado», nascido em 25/06/1889. *** Dá destaque à inauguração do Serviço de Abastecimento de Água em Blumenau, com a instalação da estação de tratamento de água no morro da Boa Vista.

— DIA 23/10/1943 — Foi noticiada a assinatura de contrato da Prefeitura para a construção da estrada Blumenau-Massaranduba.

CARTAS E PUBLICAÇÕES

Da inspirada e ativa pesquisadora e historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, recebemos o livro de sua autoria — Album de Família — UM RAMO DA FAMÍLIA RAMOS. Paralelamente ao seu valor histórico, o livro, que resgata a vivência trajetória da Família Ramos, descendência materna da autora, é um trabalho feito com muito carinho e amor, acima de tudo, reunindo, nesta obra, o espírito fraternal de uma família tradicional que, agora, permanece ainda mais irmanada na memória histórica, graças ao trabalho perseverante e muito carinhoso, repito, de Maria do Carmo. O livro foi lançado, com sucesso, no dia 26 de novembro, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Palácio Cruz e Souza, ocasião em que a autora recebeu muitos abraços e sinceros aplausos. Na orelha do livro, encontramos a opinião do aplaudido pesquisador e historiador Antônio Roberto Nascimento, nosso valoroso colaborador, uma análise abalizada desta obra de Maria do Carmo. No segundo tópico, após ligeiras considerações, Nascimento diz textualmente: "Com aquela percepção inefável que o Todo-Poderoso só concede às mulheres, misto de sentimento e perspicácia, a autora nos permite conhecer tanto e meio do povoamento de Santa Catarina, os costumes de sua gente, a formação de nossa economia e preciosas informações

acerca de sua gente, na perspectiva de que tão só o ser humano é sujeito da História. Sem que possa percebê-lo, não se trata de simples obra genealógica, senão de esplêndido recorte particular de um segmento da sociedade catarinense, com encaixe especial da Família, que um pensamento como que utilitarista, essa praga anglo-saxônica, tenta substituir pelas instituições".

À estimada Maria do Carmo, que tanto tem colaborado nas páginas desta revista no resgate histórico, as nossas felicitações e o estímulo para que continue cada vez mais entusiasmada na busca dos fatos históricos que possam sempre enriquecer ainda mais a memória histórica dos catarinenses.

X X X

Estamos folheando desde novembro último, as páginas do nr. 7 da publicação Ô CATARINANA, a valiosa mensagem cultural da Fundação Catarinense de Cultura, com a colaboração de uma plêiade de inspirados redatores que dão às páginas e seções da publicação, muita vida, beleza e, acima de tudo, bons ensinamentos. As ilustrações em forma de desenhos são fartas e significativas. Bom trabalho. Agradecemos a gentileza da remessa que, esperamos, nunca falte em nossa mesa de trabalho quando elaboramos o material para as edições de "Blumenau em Cadernos".

Características do rio Itajaí e seus afluentes no século passado

DETALHES INTERESSANTES DA PLANTA LEVANTADA PELO
ENG.º RIVIERY, DE 1859 A 1860

O referido engenheiro, ao encaminhar o resultado de seu trabalho, oficiou o Ministro da Agricultura, solicitando a quitação financeira de seu trabalho, conforme segue abaixo

"Diretoria, em 22 de setembro de 1875. — Ministério da Agricultura — Autorizado por v. s. para este fim, efetuei a compra e o transporte, para o porto de Itajaí, dos diferentes materiais necessários para serviços da Diretoria a seu cargo e tenho a honra de apresentar a v. s., na terceira página desta folha, a conta especificada da despesa realizada, acompanhada pelos respectivos documentos comprobatórios, na importância de Rs:..... 1.823\$455 (um conto, oitocentos e vinte e três mil e quatrocentos e cinquenta e cinco réis).

E como já recebi no Tesouro, por ordem de v. s., adiantada, a quantia de Rs: 1.500\$000, (um conto e quinhentos mil réis), venho respeitosamente solicitar de v. s. se queira dignar mandar expedir as convenientes ordens, afim de que me seja ainda pago o saldo restante e devido na importância de trezentos e vinte e três mil e quatrocentos e cinquenta e cinco réis (Rs: 323\$455). — Deus Guarde V. S. — C. Rivierey".

•
Descrição do Rio Itajaí-açu pelo Eng.º C. Rivierey que, por contrato, levantou a planta do dito rio e de seus afluentes, durante o 2º semestre de 1859 e começo do 1º semestre de 1860

"Nº 965 — E — 6 — Junho — 1860
Ilmo. e Exmo. Sr.

No dia 29 de fevereiro próximo passado, recebi um aviso do Governo

Imperial que dava por rescindido o meu contrato de 16 de junho de 1859 e que exigia a pronta remessa dos meus trabalhos.

O referido contrato concedia-me dois anos para concluir todos os trabalhos sobre o terreno e apresentar o mapa e memoriais; porém, com esta rescisão repentina e inesperada, achei-me na impossibilidade de fazer a pronta remessa exigida pelo aviso. Tornou-se preciso mandar vir de Santa Catarina, todos os esboços e trabalhos feitos, e somente no princípio de junho é que me foi possível acabar o mapa e memórias que tenho a honra de apresentar a V. Excia..

O contrato de 16 de junho de 1859, concedia-me uma gratificação mensal de duzentos mil réis; recebi a dita gratificação até fim de janeiro do corrente ano, como deve constar nesta repartição pelas participações oficiais do Major João de Souza Mello.

Espero da justiça de V. Excia. que, tomando em consideração o que acabo de expor, se dignará mandar-me pagar a dita gratificação até o dia 1º de junho.

Deus Guarde a V. Excia. — Rio de Janeiro, em 5 de junho de 1860. — Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, Dgmo. Diretor da Repartição das Terras Públicas. — Ass.: Felipe Garçon Rivierey".

G. para o Relatório:

"Com os ofícios junto remeteu o

Engenheiro Rivierey a descrição do Rio Itajaí-açu, por ele levantado, na forma de seu contrato, ultimamente rescindido pelo Governo Imperial. Este rio tem de desenvolvimento 38.137 braças, desde sua foz até o Salto Grande, cuja largura é de 900 braças.

Rivierey dá conta da posição geográfica do Salto, sua altura acima do nível do mar, a direção do curso do rio, sua profundidade, largura, velocidade, volume de águas, natureza do aloes (?) e qualidade do solo adjacente.

O Itajaí-açu recebe numerosíssimos córregos ou ribeirões, sendo os mais notáveis 15, cujos nomes apresenta Rivierey.

Calcula em 70.000 de braças quadradas a superfície e dos terrenos possuídos, da qual uma parte, segundo seu entender, deve pertencer ao Governo, depois de verificadas as medidas; estando apenas cultivada uma área de 2.000 braças quadradas.

As plantações consistem em cana e mandioca. Existem diversos engenhos, alambiques, fábricas, etc...

O ribeirão de Luiz Alves tem um desenvolvimento de 21.971 braças, desde o salto até a barra.

Este rio só é navegável para canoas, em consequência de suas numerosas voltas.

Sua posição geográfica, isto é, a do salto e da barra, foi desenvolvida pelo Engenheiro, bem como sua maior largura, altura acima do nível do mar e qualidade do seu leito. Este ribeirão recebe 34 córregos.

As terras, desde o salto até as campinas, são de excelente qualidade, porém, são sujeitos a inundações, concluindo que só perto do salto existem boas terras, livres das enchentes do rio.

Posto que ele não tivesse ordem para passar acima do salto, diz que tendo chegado a 1.500 braças de dis-

tância, viu belas várzeas cobertas de matos, achou o rio mais largo e profundo e que, abrindo uma picada de 8.719 braças, chegou à praia do mar, nas Piçarras, povoação.

Descrição do rio Itajaí-açu

Este belo rio, um dos maiores da Província de Santa Catarina, tem..... 39.137 braças de desenvolvimento desde sua foz até ao Salto Grande.

A vista do Salto é magnífica, tanto pela sua largura, que é de 900 palmos, como pelo volume das suas águas que correndo com violência sobre e entre grandes rochas graníticas, precipitam-se depois com estrondo da altura de 26 a 30 palmos.

Está situado a 26° — 52' — 59",41 de latitude sul.

Fica à 139,7 braças acima do nível do mar.

A latitude na barra é de 26° — 54' — 43",22 S.

Seu curso segue a direção geral de Oeste a Leste.

A sua maior largura é de 3.200 palmos; a menor é de 400 palmos.

Em tempo seco a maior profundidade das águas é de 45 palmos; a menor, de 9.

A influência das grandes marés se faz sentir até a primeira Itaipava, perto da Ilha do Belchior e, às vezes, até acima do ribeirão do Garcia, porém, não chega verdadeiramente senão até abaixo da volta do Leandro isto é, 10.000 braças acima da barra.

Em toda a extensão onde as marés influem, a velocidade da correnteza é muito variável; a maior foi achada de 4,5 palmos e a menor de 1 palmo, em 1" de tempo. Foram medidas, quanto possível, nas horas de mais maré vasante.

O volume de água que passa em 1" de tempo, assim como a velocidade

de da correnteza, foram calculados em 78 pontos diferentes.

Um pouco acima da barra do Itajai-Mirim o cálculo deu 20.475 palmos cúbicos de água.

No Itajai-açu contam-se 15 voltas principais: as curvas que formam são tais que as embarcações podem dobrá-las todas, sem dificuldades.

Do salto até a Itaipava Grande na extensão de 12.000 braças (doze mil braças) existem muitas ilhas pequenas, sendo três delas bastante grandes; a maior tem 100 braças de comprimento e 60 de largura.

Descendo o rio encontra-se depois a Ilha Fortaleza que tem 60 braças de comprimento por 15 de largura.

Mais abaixo, no lugar da primeira Itaipava, há umas rochas fora d'água, que formam uma pequena ilha.

Continuando a descer mais 300 braças, vem a ilha de Belchior, a maior no Itajai-açu: tem ela 320 braças de comprimento, por 95 de largo.

Existe ainda uma pequena ilha defronte da foz do ribeirão do Gaspar e, finalmente, uma ilha menor na volta do Pinheiro.

Do salto até a Itaipava Grande, o rio não é navegável, por encontrar-se nesta extensão o saltinho, muitas pedras e numerosíssimos obstáculos de pedra e ilhas na Itaipava, com uma correnteza rapidíssima.

Da Itaipava Grande até 400 braças para baixo, já podem navegar canoas, porém com muito cuidado, sendo a correnteza rápida e havendo muitas pedras escondidas debaixo d'água.

Deste lugar até a barra podem navegar todas as embarcações que não demandam mais de 10 (dez) palmos de água em seu calado.

A linha das sondas traçada no mapa, indica a direção que se deve seguir; vê-se que geralmente fica próxima dos barrancos altos, afastando-

se das pontas nas voltas, onde há quase sempre bancos de areia depositada pelas águas que nestes lugares tem pouca corrente.

Em três lugares há rochas que podem apresentar algum perigo, havendo descuido.

A primeira existe na primeira Itaipava, um pouco acima da Ilha do Belchior, onde já assinala uma pequena ilha toda pedregosa. Ai a corrente é muito rápida.

A segunda, defronte da casa do capitão Hans, está sempre encoberta pelas águas.

A terceira acha-se a 320 braças abaixo da casa do mesmo capitão e às vezes aparece descoberta.

Evitam-se todas facilmente encostando-se para os barrancos da margem esquerda.

Do salto grande até a Itaipava Grande os barrancos são altos e pedregosos. Os terrenos, nas duas margens, são montanhosos; os da direita, são, porém, de boa qualidade e ocupados por alemães da Colônia Blumenau; os da esquerda são mais pedregosos, tendo apenas 400 braças próprios para a cultura, perto do ribeirão da Itaipava; são possuídos por alemães. O resto é mato.

Da Itaipava Grande até 1.000 — (mil) — braças abaixo do ribeirão do Garcia, na margem direita, e 1.500 metros da esquerda, as terras pertencem a colonos alemães. São um pouco montanhosos e de ótima qualidade. Os barrancos são bastante altos.

Continuando a descer o rio, o terreno vai tornando-se cada vez menos montanhoso: na margem direita, acham-se os morros da Fazenda do Flores e na esquerda, a 2.800 braças acima da barra do ribeirão Luiz Alves.

Em toda esta extensão os terrenos são fertilíssimos. Os barrancos têm geralmente, 15 palmos de altura.

Daí para baixo, o rio corre no meio de grandes e belas várzeas, havendo apenas alguns morros como o de Luiz Alves, o do Pinheiro, o do Leandro, o do Mafra e os dos Machados. Os barrancos vão diminuindo de altura, em vários lugares, onde as margens ficam apenas acima das marés grandes.

Na Freguezia de Itajaí, o terreno é todo de areião e, subindo o rio, vai pouco a pouco esta areia misturando-se com argila, aumentando continuamente a proporção desta última.

No Salto Grande, Saltinho e Itaipava, as rochas são de granito e gneiss.

Perto da Ilha da Fortaleza, encontram-se enormes massas de seixos unidos por um cimento ferruginoso que os liga com tanta força que partem os seixos mais facilmente do que o próprio cimento. Este "puding" ou "konglomerat" assenta sobre rochas de granito.

Da Ilha de Fortaleza até o ribeirão de Luiz Alves, as rochas que existem nas beiras do rio são um xisto argiloso; o de antiga formação é muito claro; e no de recente formação, facilmente se separam as camadas umas das outras.

O leito do rio no meio é sempre de areia mais ou menos grossa. Perto dos barrancos é areia combinada com argila.

Em vários lugares há grandes bancos de areia, porém quase sempre nos salientes das voltas.

Nas margens do lado onde o rio corre com menor velocidade, nasce uma planta chamada Perí, que indica que o lugar é pantanoso. Encontra-se esta planta desde a barra até a volta do Leandro; daí para cima, desaparecem os Peris e são substituídos por outra planta denominada Frecha.

O Itajaí-açu recebe numerosíssimos córregos e ribeirões. A descri-

ção de cada um deles foi feita separadamente. Citarei os nomes dos mais notáveis: — O baixo do Salto Grande, o primeiro que vem da esquerda, é o da Itaipava; o segundo do mesmo lado é o de Fortaleza; o terceiro, à direita, é o ribeirão da Velha; o quarto, à direita, é o ribeirão do Garcia, onde está estabelecida a Colônia Blumenau; o quinto, à direita, é o ribeirão dos Bugres; o sexto, à esquerda, é o do Belchior; o sétimo, à direita, é o do Gaspar Grande; o oitavo, à direita, é o do Gaspar Pequeno; o nono, à esquerda, é o ribeirão do Arraial; o décimo, à direita, é o das Canas, o décimo primeiro, à direita, é o das Minas; e décimo segundo, à esquerda, é o ribeirão de Luiz Alves; o décimo terceiro, à esquerda, o ribeirão dos Machados; o décimo quarto, à direita, o ribeirão da Murtha; o décimo quinto, à direita, o Itajaí-mirim.

Calculo em 70.000.000 (setenta milhões) de braças quadradas a superfície dos terrenos possuídos nas duas margens do Itajaí-açu, dos quais, depois de verificadas as medições, uma boa parte há de pertencer ao governo.

Destas 70.000.000 braças quadradas, 50.000.000 pouco mais ou menos pertencem a cinco grandes proprietários: Blumenau, Flores, Van Lede, João Pedro e João Mafra. E como geralmente o terreno que se cultiva não passa de uma razoável faixa em frente das propriedades, com quarenta braças de fundo termo médio, e conservam ainda os cinco grandes proprietários muita mata virgem nas margens do rio, daí resultando que, desses 70.000.000 de braças quadradas, apenas 2.000.000 estão cultivadas.

A força das plantações é, em primeiro lugar, a cana e depois a mandioca.

Existem no rio Itajaí-açu: 141 engenhos de açúcar; 11 alambiques pa-

ra aguardente; 5 engenhos de serrar; 72 engenhos de fazer farinha, um engenho de secar arroz; 5 engenhos de moer milho e produzir fubá; duas fábricas de óleo; uma fábrica de fazer vinagre; cinco olarias, das quais duas de louça ordinária.

A exportação anual é pouco mais ou menos de 14.000 arrobas de açúcar; trezentas pipas de aguardente, dois mil alqueires de farinha; mil dúzias de tábuas; vinte pipas de vinagre. Tudo isso montará à 80 a 90 contos de réis, aos quais, 13 a 14 provém da Colônia Blumenau.

A população que se estende pelas margens deste rio pode ser avaliada em 5.000 almas, das quais 750 pertencentes à Colônia Blumenau.

São necessárias doze horas para descer em canoa, do Garcia, onde está estabelecida a Colônia Blumenau até a Freguezia de Itajai; e como a correnteza do rio é muito fraca, pode-se, subindo, percorrer a mesma distância em 18 ou 20 horas e, às vezes, em menos tempo, aproveitando a maré enchente e a viração N. E. (ventos nordeste) que cai quase todos os dias, às 11 horas.

Os iates e lanchões que fazem esta viagem, não gastam muito mais tempo.

Havendo uma tão boa via de comunicação fluvial da Colônia Blumenau até a Barra, não vejo, por ora, a necessidade de fazer uma estrada que importará em uma avultada despesa

Melhor seria comprar um barco a vapor de fundo chato e de pouca força, que poderia subir e descer o rio rapidamente, 3 ou 4 vezes por mês, carregar gado e o combustível poderia ser lenha.

No tempo das chuvas, nos meses de março e outubro, às vezes as águas do rio sobem de repente a uma grande altura. Há quatro anos, subi-

ram acima dos barrancos mais altos e inundaram todas as propriedades nas margens do rio, causando extraordinário dano à lavoura; porém, estas grandes enchentes são raríssimas; geralmente as águas não chegam até acima dos barrancos, efeito produzido pela rapidez da corrente, reação da maré e força do vento que acompanha quase sempre as grandes chuvas. Então a navegação em canoas é bastante perigosa.

É principalmente nos poucos dias que aconteceram durar estas tempestades, que o vapor seria de grande utilidade.

Rio de Janeiro, 5 de junho de 1860. — C. RIVIERY".

Descrição do rio Itajai-mirim

O rio Itajai-mirim, afluente do rio Itajai-açu, tem um curso de... 47.710 braças desde sua barra até o seu primeiro salto. Esta extraordinária extensão é devido às suas numerosíssimas curvas, pois que, em linha reta, não tem mais de 70.500 braças.

Corre de sul, sudoeste oeste, a norte, nordeste leste. Sua largura média é de 180 palmos. A velocidade da corrente é muito variável; em certos lugares é de 0,95 palmos em um segundo de tempo; em alguns de 2 palmos e em outros de 6 palmos.

O volume de água que passa em 1 segundo, foi calculado na barra, em seis marés, e achou-se ser de 5.641 palmos acima do nível do mar.

O rio, neste lugar, tem 18 braças de largura. As águas correm com violência sobre e entre rochedos; é mais uma cachoeira do que um salto.

Do salto até pouco mais ou menos 1.400 braças para baixo, o Itajai-mirim segue entre morros pedregosos que chegam até nas margens. Atravessa depois uma grande várzea que para o norte se estende até o território medido.

Daí um pouco acima do engenho do Paulo, o terreno pelo rio torna-se de novo montanhoso até a serraria de Pedro José Werner. Deste ponto até o lugar denominado Sepultura, os morros são mais baixos e espaçados um dos outros, e da Sepultura até a barra o Itajaí-mirim atravessa uma bela várzea.

Os principais afluentes deste rio são: o ribeirão da Guabiruba e do Cunhandata. O primeiro tem suas cachoeiras na paralela à dita meridiana, depois de ter sido desobstruída dos numerosos paus caídos que a atravessam. O segundo é navegável igualmente com canoas até 3.000 braças.

Além destes dois ribeirões, o Itajaí-mirim recebe muitos córregos e ribeirões pequenos que não dão navegação, mas que podem ser aproveitados para motores e alguns já o são.

As embarcações que não demandam mais de 12 a 15 palmos d'água, podem subir o rio até o lugar denominado Marechal Custódio, onde encontra-se a primeira Itaipava formada por uma grande rocha granítica. Deste ponto para cima, a influência das marés ainda se faz sentir até pouca distância. De Marechal Custódio até o engenho de Pedro José Werner, o Itajaí-mirim dá franca navegação a canoas; porém, deste engenho para cima, aparecem as itaipavas que obrigam, quase sempre, a arrastar as canoas, puxando-as sobre as pedras.

São dezoito estas itaipavas, sendo a mais dificultosa a passar, a da Figueira.

O leito do rio é de areia até a serraria de Pedro Fritz; desta serraria até o salto, de rochas e seixos.

As suas margens até o Cunhandaba são baixas, formadas de areia misturada com pouca argila; deste ribeirão para cima, a argila vai pouco a pouco predominando e os barran-

cos vão ficando mais altos.

Os terrenos nas várzeas são fertilíssimos; porém, quase que não são aproveitáveis por motivo das frequentes inundações no tempo das chuvas. Em parte, poder-se-ia fazer desaparecer este grave inconveniente, cortando algumas das muitas agudíssimas curvas que existem, obra fácil e pouco dispendiosa, pois que será suficiente abrir valas de 5 a 6 paços de largura com outro tanto de altura, deixando ao mesmo rio o trabalho de as aprofundar e alargar. Existem curvas de 600 braças que, para serem cortadas, exigirão somente a abertura de uma vala de 40 braças de comprimento. Torno a repetir que são algumas das maiores curvas que seria necessário fazer desaparecer, pois que, a querer cortá-las todas, a correnteza do rio aumentaria consideravelmente e a sua profundidade poderia diminuir a ponto de prejudicar a navegação.

É preciso dia e meio de viagem em canoa para descer da Guabiruba à Freguezia e dois dias e meio até três dias para percorrer a mesma distância, subindo o rio.

Entretanto, construindo-se na margem direita uma estrada que talvez não venha a ter mais de cinco léguas de desenvolvimento, tornar-se-ia fácil e rápida a comunicação entre a Freguezia do Itajaí e a Guabiruba; as terras medidas no território acharão compradores que até hoje se apresentaram em pequeno número por motivo da dificuldade dos transportes. É também muito provável que os proprietários das terras situadas nas margens do Itajaí, que todos sentem a falta de uma estrada, coadjuvassem o Governo na construção de tão útil obra.

Calculo a superfície dos terrenos possuídos nas duas margens do Itajaí-mirim em 40.000.000 de braças

quadradas. A vista de tão grande extensão de terras ocupadas poder-se-ia supor que a lavoura existe em grande escala. Infelizmente assim não acontece, sendo isto devido principalmente ao diminuto número de proprietários de extensos terrenos e ao grande impulso que tem tomado a extração das madeiras.

Contam-se neste rio: 12 engenhos de serrar; 7 ditos de fazer farinha; 2 de fubá; 1 de socar arroz e uma oaria.

A sua exportação anual é de... 18.000 dúzias de tábuas; 8.000 alqueires de farinha; 400 alqueires de arroz e alguns milhares de tijolos, perfazendo tudo o valor de perto de 200 contos de réis, dos quais 150 provém das madeiras.

O gado vacum empregado nestes diversos engenhos, orça em 900 cabeças.

A população do rio Itajaí-mirim pode ser avaliada em 2.000 almas, das quais 480 empregados nos engenhos de serrar.

Ainda há muitas madeiras de lei porém já é preciso ir procurá-las bastante longe das margens do rio. As principais madeiras, são: cedro, canela, peroba, óleo, etc..

Um pouco abaixo do Salto, numa das curvas do rio, existem ainda vestígios de uma antiga lavra de ouro. Perto do mesmo salto, em diversos poços, acha-se ouro em pó em pequena quantidade. Em todas as Itaipavas há muito quartz opaco.

Rio de Janeiro, em 5 de junho de 1860. — C. RIVIERY".

OBS. A medida citada em braça, corresponde a 2,20 mts. A medida relativa ao palmo, é de 22 centímetros.

Descrição do ribeirão de Luiz Alves

"Este ribeirão, depois do Itajaí-

mirim, é o maior afluente do Itajaí-açu. Tem 21.971 braças de desenvolvimento desde o seu salto até a barra.

A direção do seu curso geral é de N. O. para S. E..

No salto, as águas principiam por cair de uma altura de 48 palmos sobre grandes rochas graníticas, e daí precipitam-se pela segunda vez de uma altura de 62 palmos. A primeira queda tem 256 palmos de largura; a segunda, 165. As águas são recebidas num poço pedregoso e fundo e, daí, correm por cima de rochedos até a distância de 40 braças, lugar onde o seu curso torna-se mais vagaroso, repartindo-se em dois canais separados por um banco de areia grossa.

O salto está situado a 26° 45' — 24"59 latit. S./ . Fica a 833 palmos acima do nível do mar. A latitude da barra é de 26° 52' — 37", 22 S./ . Fica a 426 palmos acima do nível do mar. A maior largura do ribeirão é de 195 palmos. A menor, de 80 palmos.

EM TEMPO SECO — A maior profundidade das águas é de 28 palmos; e a menor, de 4 palmos. Os efeitos da maré fazem-se sentir até 5 ou 6 mil braças acima da barra.

Este ribeirão tem numerosíssimas curvas, principalmente nas campinas, o que faz com que não se possa navegar senão em canoas. Felizmente, tem pouca correnteza e uma única itaipava perto do salto, de maneira que, sendo desobstruído dos paus caídos que hoje o atravessam e que retardam muito as viagens, poderá dar boa navegação às canoas, desde sua barra até perto do salto.

O seu leito é de areia grossa de 7.000 braças do salto e de areia fina até a barra. Perto dos barrancos, em muitos lugares, a areia se acha coberta de uma camada de argila, caída dos mesmos barrancos.

Este ribeirão recebe no seu curso

34 córregos e ribeirõezinhos. Os principais, são: o ribeirão do baú pequeno; o do Baú grande; o do Casqueira pequena; o da Casqueira grande; o Ribeirão do Peixe e o dos Caçadores.

Do salto até o Ribeirão do Peixe, em distância de 7.700 braças, os barrancos têm geralmente de 10 a 15 palmos de altura.

Do Ribeirão do Peixe até a barra, vão diminuindo de altura até ter somente 4 ou 5 palmos, com exceção da própria barra, onde na margem esquerda a altura é de 22 palmos e, na direita, de 14 palmos. A natureza destes barrancos é de argila pouco arenosa.

Um pouco acima do ribeirão da Casqueira grande, existe um morro bastante alto, inteiramente formado de conchas do género "anodonta-Cordieri".

Do salto até as campinas as terras são de excelente qualidade e cobertas de belas matas, porém, pela pouca altura das margens acima do rio, estes terrenos repetidas vezes são cobertos pelas águas.

Nas campinas não há mato, e se não fossem estas vastas planícies sujeitas a ser alagadas, nas frequentes inundações do Luiz Alves, seriam muito próprias para criação de gado; porém, quando o ribeirão cresce e suas águas são apresadas pelas do Itajaí-açu, todas essas terras baixas ficam inundadas e parecem uma imensa lagoa.

Das campinas até a barra as terras são de boa qualidade, porém, igualmente sujeitas às inundações. Estão cobertas de um mato fino, contendo madeiras de qualidade inferior.

Perto do lugar onde acabam as campinas, há uma roça de arroz, que foi plantada em 1858 por João Mafra. Hoje está em capoeira.

Na barra, existe do lado direito um canavial e do esquerdo um pasto, tudo pertencente a João Pedro. É a única parte das margens do rio, ocupada e cultivada efetivamente.

Do que precede, vê-se que é só perto do salto que existem boas terras devolutas e ao abrigo das enchentes ordinárias.

Apesar de não ter ordem para passar acima do salto, tendo-se dito alguns caçadores que se eu lá fosse havia de encontrar melhores terras, resolvi fazer uma pequena exploração. Com efeito, abrindo às vezes picadas, outras caminhando no rio, cheguei acerca de 1.500 braças mais longe do que o salto e vi grandes e belas várzeas com alguns pequenos morros, tudo coberto de belos matos, com muita madeira de lei; achei também o rio mais largo e fundo, e de tudo isto conclui que são estes lugares que devem ser povoados.

Tendo-se afirmado os mesmos caçadores que as Piçarras, povoação beira-mar, ficava muito perto do salto, mandei abrir uma picada de Oeste a Leste, partindo do Ribeirão do Peixe e cheguei à praia do mar nas Piçarras, com 8.719 braças; porém, calculei que, em linha reta, haverá apenas 600 braças. Ora, do Ribeirão do Peixe até o salto de Luiz Alves, indo de Este para Oeste, há em linha reta 4.000 braças; portanto, fazendo-se uma estrada de cerca de três léguas e meia de comprimento, estabelecer-se-á uma comunicação do litoral a excelentes terras acima do salto, hoje possuído pelos bugres, cujos rastros encontrei frequentemente.

As Piçarras ficam muito perto do pequeno porto de Itapocoroi e este duas a três léguas do barra do Itajaí-açu.

Parece-me que seria conveniente proceder ao levantamento da planta

do ribeirão de Luiz Alves acima do seu salto e fazer alguns estudos do terreno, para escolher a melhor ure- ção a dar à estrada para o litoral Rio de Janeiro, em 5 de junho de 1860. — C. RIVIERY".

GENEALOGIA DA FAMÍLIA GOEDERT

Pedro Ernesto da Silva

(Continuação)

- N4-25 Jacó Goedert, solteiro.
- N5-26 João Goedert, (cc) Inácia Iloy.
- N6-27 Vendolino Goedert, (cc) Otilia Kuhnen.
- B1-79 João Henrique Goedert, (cc) Virgínia Loch.
- B2-80 José Romualdo Goedert, B. R. (cc) Irma Garcia.
- T1-45 Pedro Rogério Goedert, n. 10.9.1945, (cc) Jurema Alves, c/1 f. — Palhoça.
- T2-46 Teresinha Goedert, n. 02.6.1948, (cc) Ino Gamba, c/2 f. — B. R.
- T3-47 Maria Alair Goedert, n. 31.12.1949, (cc) Osiris Ferrarim, c/3 f.
- T4-48 Evaristo Francisco Goedert, n. 23.9.1951, (cc) Elisete Gamba, c/1 f. — Fl.
- T5-49 José Vendolino Goedert, n. 04.5.1953, (cc) Cleusa Mafioleti, c/3 f.
- T6-50 (+) Maria de Lourdes Goedert, c/1,1 a., n. 15.8.1955
- T7-51 (+) Ana Goedert, c/9 d., n. 09.12.1946.
- T8-52 (+) Maria Goreti, c/5 a., n. 05.6.1957.
- T9-53 Valdir Goedert, n. 15.3.1959, Vigário da Catedral de Lages — SC.
- T10-54 Elisete Goedert, n. 02.1.1961, (cc) Lorival Bonin, c/2 f.
- T11-55 Margarete Goedert, n. 02.1.1961, (cc) Osmar Bonin, c/3 f.
- T12-56 Ilenir Francisca Goedert, n. 03.6.1962, (cc) Ivo da Silveira, c/1 f. (13.3.1991) — B. R.).
- B3-81 Pedro Goedert, (cc) Leonor Coelho.
- B4-82 Evaristo Goedert, (cc) Martinha Schmitz.
- B5-83 Cecílio Goedert, (cc) Veronica Novaki.
- B6-84 Teresinha B. Goedert, (cc) Aristides dos Santos.
- B7-85 Carmelita Goedert, (cc) Angelino Maciel.
- B8-86 Francisco Goedert, (cc) Teresinha Vitorezzi.
- B9-87 Antonio Goedert, (cc) Inês Schmitt.
- B10-88 Sebastião Goedert, (cc) Maria Vitorezzi.
- B11-89 Maria Goedert, (cc) Demétrio ...
- N7-28 José Goedert, (cc) Verônica L.
- N8-29 Maricha Goedert.
- F3-5 Família de Nicolau Goedert, n. 13.5.1850, bat. SPA 02.7.1850 (75V-82), (cc) Ana Maria Ludwig — SPA, 1ª. esposa, (cc) Maria Amélia Freiburger, 2ª. esposa,
- (f) João Ludwig e Isabel Winter (52-18), c/6 filhos em dois casamentos.
- N1-30 Ernst Adam Goedert, n. 12.1.1881, bat. C. T. 02.3.1881, pg. 59-33(8),
- (f) Nicolau Goedert e Ana Maria Ludwig.
- N2-31 Jacó Nicolau Goedert, (cc) Emilia Kuhnen.
- B1-90 Pedro Paulo Goedert, n. 1900, (cc) Catarina Lehmkuhl.
- B2-91 Francisco José Goedert, n. 1901, (cc) Maria Sebold, c/12 f.
- T1-57 Antonio Goedert, (cc) Arnilda Brandt.
- T2-58 Emilia Goedert, (cc) Nilo Mees.
- T3-59 Pedro Goedert, (cc) Tusnelda Pereira.
- T4-60 Laura Goedert, (cc) Nicolau Prim.
- T5-61 Francisco Goedert, (cc) Cecília Stüpp.
- T6-62 Adelina Goedert, (cc) Luiz Mazziero.
- T7-63 Dionísio Goedert, (cc) Franilza Maciel.
- T8-64 José Goedert, (cc) Yolanda Lesmann.

- T9-65 Rogerio Goedert, (cc) Laura Will.
T10-66 Leonardo Goedert, (cc) Nair Will.
T11-67 Teresa Goedert, (cc) Valdevino J. Lemann.
T12-68 Rainilda Goedert, (cc) Gilson Furtado da Costa.
B3-92 Samuel Jacó Goedert, n. 11.9.1903, (f) Jacó Nicolau Goedert e Emilia Kuhnen, (cc) Atolina Klettemberg (Petrolândia).
T1-69 Bertolina Goedert, n. 1929 — Petrolândia, (cc) Bruno Toll, c/8 f., sendo um sacerdote, Frei Bertolino Tholl, Água Doce — SC.
T2-70 Leonardo Goedert, c/3 f., (cc) Odete Cardoso.
T3-71 Jacó Samuel Goedert, n. 22.9.1933, (cc) Maria Bernadete Tholl, c/9 f., Proteol (?).
T4-72 Pedro Goedert, c/8 f., Petrol., (cc) Leonita Pider.
T5-73 Nair Goedert (+) c/1, 2 a.
T6-74 Antonio Fabiano, c/8 f., Petrol., (cc) Maria Esser.
T7-75 Francisco Goedert, c/5 f., Petrol., (cc) Norma Grossi.
T8-76 Carmelita Goedert — Laranjeira do Sul — PR, (cc) Nelson Esser, c/4 f.
T9-77 José Nicodemos Goedert — Rio do Sul, (cc) Zeli Santos, c/6 f.
T10-78 Ivo Goedert, (+) c/2 m.
T11-79 Teresinha Goedert, c/5 f. — Petrol., (cc) Balduino Wanderling (supr. merc.).
T12-80 Bernadete Goedert, c/3 f. — Itup., (cc) José Nilo Vigers.
T13-81 Cecilia Goedert, c/3 f. — Rio do Sul, n. 1935, (cc) José Stefen, em segundas núpcias Emilia Kuhnen, c/5 f., (cc) Alexandre Bernardino Coelho.
B4-93 Saul Coelho, n. 1913 — Petrol., (f) Alexandre Bernardino Coelho e Emilia Kuhnen, (cc) Hilda Momm, c/8 f.
B5-94 Antonio Henrique Coelho, Tr., C., (cc) Cecilia Klettemberg, c/8 f.
B6-95 José Lino Coelho, c/6 f., Nova Cont. — PR, (cc) Lydia Junkes.
B7-96 Leonardo Coelho, c/5 f., Palmital — PR, (cc) Elisa Lückmann.
B8-97 Maria Coelho, c/16 f., Nova Cont. — PR, (cc) João Costa.
N3-32 Samuel Jacó Goedert (+) solteiro.
N4-33 Pedro Nicolau Goedert, c/1 f. — SAI, (cc) Inácia Vieira.
N5-34 Carlos Nicolau Goedert, (cc) Josina Soares.
N6-35 Maria Goedert — SAI, (cc) João Nicolau Steinback.
N7-36 Angelina Goedert — SAI, (f) Nicolau Goedert e Maria Amélia Frejberger, (cc) Vicente Eloy Machado.
F4-6 A Família de Pedro Goedert, n. 29.3.1854, bat. SPA 15.8.1854, (f) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (cc) Margarida Zimmermann, teve 6 f.
N1-37 Regina Goedert, (cc) Alfredo Pitz.
N2-38 Maria Goedert, (cc) João Ferreira.
N3-39 Verônica Goedert, (cc) ...
N4-40 Albertina Goedert, (cc) João Schweitzer.
N5-41 Rosalina Goedert, (cc) Domingos Soares.
N6-42 Leopoldo Goedert, n. 1894, (cc) Albertina Broering em 01.12.1906 - SAI.
B1-98 Maria Goedert, n. 23.3.1908 J Itup., (f) Leopoldo Goedert e Albertina Broering, (cc) Sebastião Gorges — Itup.
B2-99 Eugenia Goedert, n. 20.11.1909 — Itup., (cc) Antonio Gohrent (tio).
B3-100 Elza Goedert, n. 08.9.1913 — Itup., (cc) Afonso Zimmermann.
B4-101 Pedro Goedert, n. 28.6.1915, Padre Waldemar — SCJ.
B5-102 Paulo Goedert, n. 08.10.1916 — Itup., (cc) Marieta Eliseu.
B6-103 Maria José Goedert, n. 04.12.1920, (cc) Teófilo Sell — Rio do Sul.
B7-104 Ester Goedert, n. 04.12.1920, (cc) Azizo Zbogoy — SJ.
B8-105 Ondina Goedert, n. 06.12.1925, viúva Ary Amado — Estreito, (cc) Firmino Rangel.
F5-7 Francisco Goedert, n. 12.10.1856, bat. SPA 20.1.1857 (69-19), (f) Jacó Goedert (João Jacó Goedert) e Catarina Schmidt, (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Scharz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem, (+) SPA 26.3.1944 (59V-118), c/87 a., sep. Cap. Sagr. Coração, viúvo de (cc) Julia Michels, (f) Francisco Michels e Maria K*rig (Kehrig).
N1-43 Libório Goedert, n. 16.7.1895, R. C. SPA (13-24) em 31.7.1895, (f) Francisco Goedert, n. 12.10.1856 e Julia Nekel (Michels), (n/p) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (n/m) Francisco Michels e Maria Kehrig, (cc) Filomena Bunn.

- B1-106 Adelino Goedert, n. 28.10.1921, bat. Ang. 11.11.1921 (20-113) — Bi-guaçu, (f) Libório Goedert e Filomena Bunn.
- B2-107 Leonila Goedert, n. 26.9.1922, bat. Ang., 10.10.1922 (24-125) A. C., (f) Libório Goedert e Filomena Bunn.
- B3-108 Maria Goedert (Sertão Imarui), (f) Libório Goedert e Filomena Bunn, (cc) Francisco Avelino Souza.
- B4-109 Nilo Goedert, n. 24.8.1923, bat. Ang., 15.9.1923 (22-132), (f) Libório Goedert e Filomena Bunn.
- B5-110 Onesino Goedert, n. 26.11.1924, R. Tab., (f) Libório Goedert e Filomena Bunn, bat. Ang. 17.12.1924 (23V-151).
- N2-44 Amalia Goedert, n. 22.12.1896 — R. C. SPA, (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N3-45 Eleonora Goedert, n. 13.12.1898 — R. C. SPA (16V-49) — 21.7.1899. (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N4-46 Ilda Goedert, n. 05.5.1900, R. C. SPA (18V-71) — 25.2.1900, (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N5-47 Arnol Goedert, n. 12.9.1903, R. C. SPA (23V-117) — 22.9.1903, (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N6-48 Lucino Goedert, n. 06.9.1905, R. C. — SPA (31V-150) — 14.9.1905, (f) Francisco Goedert e Julia Michels, (cc) Maria Ana Pauli, n. 18.9.1912, (f) Nicolau Pedro Pauli e Maria Berns, n. 08.5.1889, (n/p) Nicolau Berns (OII) e Maria Reitz, n. 13.3.1868, (b/m) João Adão Reitz, n. 18.12.1842 e Maria Reinert.
- N7-49 Bertildes Goedert, n. 18.10.1906 — R. C. SPA (33V-169) — 23.10.1906, (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N8-50 Francisco Goedert, n. 13.10.1908 — R. C. SPA (37-201) — 21.10.1908, (f) Francisco Goedert e Julia Michels.
- N9-51 Maria Ernestina Goedert, (f) Francisco Goedert e Julia Michels, (cc) Alberto Müller, (f) Matias Müller e Ana Schweitzer.
- B1-111 Rosina Müller, n. 04.3.1908 — R. C. SPA (36-190) em 10.3.1908, (f) Alberto Müller e Maria Evangelina Goedert.
- B2-112 Avelino Müller, n. 09.10.1912 — R. C. Ang. (45V-258) em 21.10.1912, (f) Alberto Müller e Maria Evangelina Goedert.
- N10-52 Bruno Francisco Goedert, (f) Francisco Goedert e Julia Michels (cc) Rosalina Bunn.
- B1-113 Othomar Goedert, n. 30.8.1921, R. Tab., bat. Ang. 06.9.1921 (19V-106), (f) Bruno Francisco Goedert e Rosalina Bunn, (cc) Ilda ...
- T1-82 Anete Goedert, Michel Nasser.
- T2-83 Janete Goedert, Olivio Torres.
- Q1-5 Guilherme von Goedert, Tatiane von Goedert.
- T3-84 Eliete Goedert — solteira.
- T4-85 Ildomar Goedert, Cecilia.
- Q2-6 Rogerio von Goedert.
- T5-86 Vilmar Goedert — solteiro.
- T6-87 Marilda M. Goedert — solteira.
- B2-114 José Lino Goedert, n. 23.9.1922 — R. Tab., bat. Ang. 26.9.1922 (21-124), solteiro (+), (f) Bruno Goedert e Rosalina Bunn.
- B3-115 Maria Rinalda Goedert, n. 06.10.1923, R. Tab., bat. Ang. 31.10.1923 (22-135), (f) Bruno Goedert e Rosalina Bunn, (cc) Egidio Rosa.
- B4-116 Ivo Goedert, n. 2.3.1926, R. Tab., bat. Ang. 07.3.1926 (24-159), (f) Bruno Goedert e Rosalina Bunn.
- T1-88 Marlene Goedert, Avelino Miranda.
- T2-89 Itamar Goedert, Maria ...
- Q1-7 Regina M. Goedert, Eloídes Theodoro Goedert.
- T3-90 Zilma Goedert, Vilson Santos.
- T4-91 Zilda Goedert, Alceu Oliveira.
- T5-92 Mauro Goedert, Ereni ...
- Q1-8 Gláucia Goeder ...
- T6-93 Silvio Goedert, Maria ...
- T7-94 Eliane Goedert — solteira.
- T8-95 Maria Luiza Goedert — solteira.
- T9-96 Gervásio Goedert — solteiro.
- T10-97 Rosângela Goedert — solteira.

- B5-117 Ita Goedert, Bertoldo Müller.
 B6-118 Tereza Goedert.
 B7-119 Torcília Goedert, Francisco Peixe.
 B8-120 Julita Goedert, Lindolfo Junkes.
 B9-121 Bernadete Goedert — solteira (+).
 B10-122 Joaquim Bruno Goedert, Iracema P. Goedert.
 T1-98 David B. Goedert — solteiro.
 T2-99 Daniel G. Goedert — solteiro.
 T3-100 Rosa Helena Goedert — solteira.
 T4-101 Ivan J. Goedert — solteiro.
 T5-102 Maria Cristina Goedert — solteira.
 T6-102 Neil José Goedert — solteiro.
 T7-103 Edwin M. Goedert — solteiro.
 T8-104 Iroceni M. Goedert — solteiro.
 B11-123 Nilton Goedert, Diógenes ...
 T1-105 Bruno F. Goedert Neto — solteiro.
 T2-106 Elizete Goedert — solteira.

REGISTROS DE TOMBO DE PORTO BELO (II)

(Continuação)

Pe. Antônio Francisco Bohn

nº 32: Segunda Carta Pastoral de Dom João Becker, em 12.10.1909.

nº 33: Circular sobre os pedidos para as festividades eclesiais, em 24.04.1909.

nº 34: Carta Circular Convocatória para os exercícios espirituais do clero, em 12.10.1909.

nº 35: Sobre os assuntos do 1º Sinodo Episcopal, em 15.11.1909.

nº 36: Edital de Convocação para o Sinodo Episcopal, em 24.12.1909.

Ano de 1910:

nº 1: Aviso do Bispado regulamentando a correspondência ao bispo, em 07.03.

nº 2: Provisão da visita Pastoral de Dom João Becker, em 22.05.

nº 3: Santas Missões em Porto Belo a partir de 25.04.

nº 4: Carta de Dom João Becker pedindo aos párocos colaboração no recenseamento da população em 15.06.

nº 5: Provisão para colocação da Via Sacra na matriz, em 05.07.

Ano de 1911:

nº 1: Provisão para procissão do Sagrado Coração, em 26.06.

nº 2: Dispensa matrimonial para

José Thomaz de Lima e Cantídia Magdalena Gabriel, em 16.08.

nº 3: Dispensa matrimonial em favor de Nicolau Vicente Rocha e Bernardina Eufrázia, em 11.09.

nº 4: Terceira Carta Pastoral de Dom João Becker, em 16.04.

Ano de 1912:

nº 1: Provisão ao Pe. Geraldo Spettmann para o ano de 1912 (sem data).

nº 2: Provisão anual do Conselho de Fábrica de Porto Belo, em 12.03.

nº 3: Quarta Carta Pastoral de Dom João Becker, em 17.02.

nº 4: Dispensa matrimonial em favor de João José Serpa e Antônia Alexandrina de Jesus, em 02.04.

nº 5: Carta Pastoral de despedida de Dom João Becker, em 12.10.

nº 6: Regresso de Pe. Geraldo Spettmann da Europa, em 17.11.

Ano de 1913:

nº 1: Provisão do Pe. Geraldo Spettmann como vigário de Camboriú e Porto Belo, em 01.01.

nº 2: Provisão em favor do Pe. José Estanislau Schmitz para a administração dos sacramentos na diocese,

em 01.01.

nº 3: Provisão para celebrar em casa particular por tempo de um ano, em março.

nº 4: Provisão para benzer imagens em novembro.

nº 5: Termo de despedida do Pe. Geraldo Spettmann das paróquias de Camboriú e Porto Belo, em 25.11.

Ano de 1915:

nº 1: Termo da Visita Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em 10.11.

Ano de 1916:

nº 1: Missões na matriz de Porto Belo, pregadas pelos missionários:— Frei Burchardo e Frei Boaventura, de 29.03 a 05.04.

Ano de 1917:

nº 1: Provisão de vigário em favor do Pe. Coccolo (sem data).

nº 2: Provisão para benzer a capela de Santo Antônio, em 14.03.

nº 3: Termo de bênção da capela de Santo Antônio, em 02.04.

nº 4: Provisão para a capela Santo Antônio, em Itapema e Provisão para o Conselho Paroquial (sem data).

nº 5: Informação de que os documentos de propriedade da matriz foram entregues ao Sr. Bispo Diocesano (sem data).

Ano de 1919:

nº1: Provisão de nomeação do Pe. Guilherme Farinha da Silva como vigário de Porto Belo, em julho.

Ano de 1920:

nº 1" Provisão de renovação do cargo de vigário em favor do Pe. Guilherme Farinha da Silva (sem data).

Ano de 1921:

nº 1: Provisão de renovação do cargo de vigário ao Pe. Guilherme Farinha da Silva (sem data).

nº 2: Provimento da visita Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em 20.07.

(continua no próximo número)

ACONTECEU...

Janeiro de 1994

— DIA 1º. — Um menino foi o primeiro bebê nascido em Blumenau no novo ano. Nasceu na Maternidade do Hospital Santa Isabel.

— DIA 5 — O árbitro catarinense Dalmo Bozzano foi aceito pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) como um dos dez árbitros brasileiros habilitados para apitar jogos internacionais.

• — DIA 7 — Foram realizadas solenidades para início da Festa Pomerana, edição 94, em Pomerode. Este primeiro dia do evento, foi um sucesso de público.

— DIA 9 — Relatório publicado na imprensa, da Fundação Municipal do Meio Ambiente, informa, entre outros detalhes, que em 1993, a Divisão de Controle de Poluição analisou 890 processos, enquanto que a Divisão de Recursos Naturais analisou 1.906 processos, além de outros cerca de 2.000 atendimentos, tais como autorizações, multas e notificações diversas.

— DIA 11 — Segundo foi anunciado pela Secretaria de Educação de Blumenau, até esta data 993 pessoas haviam feito suas inscri-

ções para disputar, em concurso público, um total de 180 vagas para professores, na rede municipal de ensino.

— DIA 11 — O Grupo Teatral Phenix, de Blumenau, embarcou para Osorno, no sul do Chile, cidade alemã irmã de Blumenau, como representante brasileiro no 3º. Encontro Latino Americano de Teatro, marcado para o período de 14 a 23 deste mês. Apeça «Os Amigos de Ballestero», do Blumenauense Horácio Braun, é uma das que serão encenadas — monólogo a cargo do ator Nelson Curbani.

— DIA 13 — Segundo divulgou o Departamento Municipal de Trânsito e SETERB no ano de 1993 foram registrados em Blumenau 5.011 acidentes de trânsito, com 52 mortes e 1.127 feridos. Nas ocorrências envolveram-se 9.141 veículos. *** Técnicos da CELESC em serviço, encontraram, por volta das 16 horas, uma ossada humana num matagal à margem da rua Júlio Michel, no bairro Nova Esperança, próximo ao de Fortaleza O achado foi encaminhado à Delegacia de Polícia para investigações. *** O «Bierwagen», carro da cerveja muito popular na Oktoberfest, voltou às ruas de Blumenau, nesta temporada de verão, para distribuir cerveja todas as tardes aos turistas. *** Na PROEB, foi aberta a exposição que conta os dez anos do principal evento turístico de Blumenau — a OKTOBERFEST.

— DIA 15 — Em Gaspar, foi inaugurado, às 19 horas, com a exibição do filme «Na Linha de Fogo», o Cine Gaspar, que obedece à orientação de Herbert Holetz, ex-gerente geral dos Cines Busch I e II, recentemente desativados. O acontecimento mobilizou a sociedade gasparense que compareceu em grande número à inauguração do novo e moderno cinema localizado à entrada da cidade, à margem da rodovia BR-470. *** 120 toneladas de alimentos não perecíveis começaram a ser distribuídos entre as escolas municipais de Blumenau.

— DIA 16 — O Jornal de Santa Catarina editou a 500ª. seção especial dedicada às crianças. Este caderno especial registrou dez anos consecutivos de circulação. *** Na edição desta data, o Jornal de Santa Catarina traz importante e oportuna reportagem com ilustrações da vida e obra de Waldemar Tiago de Souza e sua numerosa família de atletas, que muito tem contribuído para engrandecer o conceito do esporte amador de Blumenau e de Santa Catarina. *** Um ônibus de Rio do Oeste, conduzindo romeiros, foi abalroado por uma carreta, nas imediações de Ascurra, BR-470, causando a morte súbita de nove pessoas, e mais duas em estado grave. O acontecimento chocou profundamente a comunidade de Rio do Oeste.

— DIA 17 — Uma chuva acompanhada de forte vendaval no final da tarde, causou sérios prejuízos e grandes estragos nos bairros Itoupava e Cantagalo, em Rio do Sul. *** Timbó também foi atingida por violento temporal, resultando em sérios prejuízos para a população.

— DIA 19 — Por não estar recebendo as verbas do SUS, o Hospital Santa Isabel suspendeu o atendimento aos beneficiários do Sistema Único de Saúde. A atitude do hospital, surpreendeu o Secretário

Municipal de Saúde, Luiz Eduardo Caminha. *** Na rua Itajaí, proximidades do C. B. Caça e Tiro, um caminhão carregado de oxigênio e acetileno, derrapou e bateu num poste de energia elétrica, derrubando-o e arrebatando os fios. Os produtos da carga espalharam-se pela rua, ameaçando explodir. A ação dos bombeiros, por sinal muito eficiente, impediu que o perigo se alastrasse e tudo foi contornado. *** A ponte metálica provisória instalada sobre o ribeirão Garcia, ligando a Hermann Huscher à rua Amazonas, foi aberta ao tráfego a partir das 6 horas.

— DIA 21 — Nasceram, na Penha, no complexo turístico Beto Carreiro World, como resultado de uma cruzada entre porca e javali, nada menos do que 13 filhotes que nasceram bem e, mesmo como híbridos, prometem bom desenvolvimento físico. *** Um violento temporal, com muito vento e chuvas torrenciais, desabou sobre Blumenau por volta das 16 horas. A região mais atingida foi a de Itoupava Central, quando mais de 40 famílias sofreram consequências da avalanche de água em suas casas e na rua. Outras regiões do município também foram atingidas mas com menor violência do temporal. Felizmente não houve vítimas a lamentar.

— DIA 25 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se com sucesso o versátil cantor Edson Cordeiro, uma das vozes mais originais da atualidade. Apresentou números clássicos, de óperas e música popular brasileira.

— DIA 27 — Reeditando o sucesso de sua apresentação no ano passado, o humorista e intérprete de personagens André Damasceno, apresentou-se às 21 horas no Teatro Carlos Gomes, perante um numeroso público, com o programa «O Magro do Bonfã». Damasceno é um dos integrantes do elenco do programa «Escolinha do Professor Raimundo».

— DIA 29 — No pátio da Universidade Regional de Blumenau, estiveram 800 participantes do concurso público para professor, promovido pela Prefeitura, disputando, nas provas realizadas, as 143 vagas de professor na rede municipal de ensino.

— DIA 31 — Numa solenidade assistida por numerosos convidados e visitantes, o Tenente-Coronel Getúlio Sarandy Machado, entregou o comando do 23º Batalhão de Infantaria ao Tenente-Coronel Paulo Roberto Peixoto de Andrade. O novo comandante serviu no mesmo Batalhão quando ainda 2º Tenente e consorciou-se, em Blumenau, naquela época, com a jovem Eliana Rossmark Schramm, filha de Agostinho e de Hildegard Rossmark Schramm. Hoje retorna no posto de Tenente-Coronel, após uma longa e vitoriosa trajetória de serviços prestados ao exército nacional. As congratulações, e votos de pleno sucesso no comando da unidade que o aprimorou nos seus primeiros passos do oficialato, são as manifestações sinceras de «Blumenau em Cadernos».

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade. Para todo mundo.
Em todos os tempos.